



DENOMINAÇÃO, REFERENCIAÇÃO E (RE)AVALIAÇÃO DE *ESSA DOENÇA MALDITA* EM POSTAGENS NO FACEBOOK

DENOMINATING, REFERENCING, AND (RE)EVALUATING
THIS DAMNED DISEASE IN POSTS ON FACEBOOK

Gustavo Haiden de Lacerda¹
McGill University

Edson Carlos Romualdo²
Universidade Estadual de Maringá

Renata Marcelle Lara³
Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Este texto apresenta uma discussão acerca dos processos de denominação, referenciação e (re)avaliação na construção de sentidos para a expressão *essa doença maldita*, em postagens do grupo do Facebook “Profiles de Gente Morta”. Sustentado na Linguística Textual, dentro da teoria sociocognitiva-interacional, o estudo compreende tanto a nomeação quanto a referenciação como atividades discursivas que articulam o domínio linguístico ao extralinguístico, tendo em vista as práticas sociais em que se insere a interação. Ao observar a construção heterogênea do texto, especialmente as diferentes formas de intertextualidade (alusão, discurso citado, aspeamento, dêiticos de memória), mostra-se como os fenômenos de denominação, referenciação e avaliação são constituintes da construção heterogênea dos sentidos no texto.

¹ E-mail: gustavo.haiden@gmail.com.

² E-mail: ecromualdo@uem.br.

³ E-mail: rmlara@uem.br.

Palavras-chave: Heterogeneidade; Interação; Denominar; Referenciar; Avaliar.

Abstract: *This paper presents a discussion on denomination, referencing and evaluation processes in the (re)construction of meanings to the expression “essa doença maldita” [this damned disease] in posts from the Facebook group “Profiles de Gente Morta”. This study is grounded on Text Linguistics, within social-cognitive-interactional theory, which comprehends both denominating and referencing as discursive actions that articulate the linguistic domain to the extralinguistic domain, regarding the social practices in which interaction is situated. By observing the heterogenous construction of the text, especially the different forms of intertextuality (allusion, quoted speech, quotation marks, memory shifters), it demonstrates how the phenomena of denomination and referencing are constitutive of the heterogenous construction of meaning in a text.*

Keywords: *Heterogeneity; Interaction; Denominate; Reference; Evaluate.*

INTRODUÇÃO

Nomear é um ato simbólico fundante, uma atividade central da linguagem, como forma de dar nome ao mundo que nos cerca e, por meio disso, fazer sentido nele e com ele. Na história das ideias linguísticas, muitas e distintas foram as abordagens que tentaram compreender o ato de nomeação, pensando a sempre complexa relação entre linguagem/pensamento/mundo, desde as que a conceituavam como relação direta e unívoca, até as que a tomavam de modo indireto e equívoco (Custódio-Filho, 2011). O que não se nega, em ambas as tendências, é a existência de uma relação entre aquilo que é interior e o que é exterior à linguagem.

Este artigo tem por objetivo analisar o processo de referenciação, relacionado aos de denominação e de avaliação, em uma sequência de postagens do grupo “Profiles de Gente Morta”, no *Facebook*, nas quais se repete a expressão nominal *essa doença maldita* (e outras realizações, como *essa maldita doença* e *a maldita doença*). Buscamos entender como o referente discursivo é construído em torno da expressão levando em conta o conjunto da composição das postagens, incluindo os comentários, bem como as formas de *heterogeneidade mostrada* (Authier, 2016) que sustentam essa construção. Assumimos, assim, com Koch (2003) e Custódio-Filho (2011), que a referenciação é uma atividade

dinâmica que não se esgota nas expressões referenciais do domínio linguístico e, com Voloshinov (2018), que a linguagem é um fenômeno fundamentalmente dialógico e ideológico. Pela análise das retomadas de *essa doença maldita* nos *posts* fúnebres, observamos a concorrência da mesma denominação para câncer e Covid-19, indicando que *contexto* e *co-texto* (KOCH, 2003) são centrais na construção dos sentidos.

1 DENOMINAR, REFERENCIAR E (RE)AVALIAR

Conforme Koch (2003), o referente é um objeto mental e cultural extralinguístico que, apesar disso, interessa à Linguística. Isso porque o referente, tomado para o estudo linguístico, não se restringe a um *a priori* da linguagem; de fato, ele é também fabricado linguisticamente. Distanciando-se da tradição da lógica fregeana, sem deixar de retomá-la, a questão da referência é deslocada pela Linguística Textual para estudar a *referenciação*, isto é, desvincula-se dos objetos-no-mundo para dar atenção aos objetos-de-discurso (Koch, 2003). Aponta-se o fato de que a construção do sentido não se esgota no campo puramente linguístico, visto possuir uma necessária dimensão social e cognitiva, cuja função é transformar a realidade em referente discursivo dentro de práticas sociais (Mondada, 2002).

Nesse sentido, Voloshinov (2018), junto ao Círculo de Bakhtin, contribui singularmente para os estudos da linguagem ao postular que o exterior é constitutivo da língua, permitindo ver o contexto (social, cultural, geográfico etc.) como fator de implicação linguística, desafiando a estabilidade da dicotomia intra e extralinguística. Um texto, enquanto exemplar de uso de língua, está sempre em relação a outros: outros interlocutores, outros textos e outros contextos, que conjuntamente constroem os sentidos.

Porque implica tanto fatores sociais amplos, fora do alcance dos falantes, quanto suas decisões individuais, a denominação corresponde a um ato

sociocognitivo de linguagem. Segundo Costa (2012), na qualidade de enunciadores, ou seja, como responsáveis do dizer, os sujeitos têm de designar a realidade, dentro de condições sociais específicas. A mesma autora afirma que toda designação implica uma negociação com o sentido, estabelecendo uma (e não outra) forma de denominar um objeto e, com isso, imprimir nele *um* sentido. Assim, denominar é também uma tentativa de dominar o sentido por meio da produção de objetos-de-discurso, não se limitando a uma simples rotulação de dados exteriores à linguagem.

Ao tratar do funcionamento referencial de expressões nominais, Koch (2003) argumenta que seu papel na construção dos sentidos é fundamental, principalmente em retomadas, cuja função, além de integrar a coesão textual, envolve a ativação da memória do leitor. A linguista explica que o processamento textual (sua produção e também sua recepção) se dá com base em três princípios: a ativação (inserção do referente), a reativação (retomada e manutenção) e a de-ativação (desfocalização rumo a uma nova ativação). Desse modo, rompe-se com a visão limitada de referenciação como retomada. Com efeito, ela é concebida enquanto uma atividade dinâmica de construção dos sentidos para assegurar uma continuidade referencial. Sendo assim, ainda segundo Koch (2003), um texto avança na medida em que a progressão referencial é estabelecida, sem restringir-se a relações interfrásticas, trazendo para a cena o co-texto (o entorno textual) e o contexto (a conjuntura sócio-histórica), que permitem *anáforas indiretas* (Marcuschi, 2001), ou seja, aquelas que não dependem de remissões intratextuais explícitas, mas que podem ser asseguradas por inferenciação.

Outro aspecto que se destaca na referenciação é sua instabilidade. Ativada ou reativada, ancorada em antecedentes explícitos ou não, a progressão referencial não se sustenta apenas no domínio linguístico, pois está estruturada também por conhecimentos e práticas sociais (Bentes *et al.*, 2017). Vistos como

construtos históricos, os referentes são repetidamente atualizados na interação e essas repetições os estabilizam e, simultaneamente, permitem que sejam deslocados. São apenas “versões provisórias” (Oliveira, 2015, p. 1249) em objetos-de-discurso, que são “dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, construindo-se ou reconstruindo-se, assim, o sentido, no curso da progressão textual” (Koch, 2003, p. 80-81).

Ainda sobre a referenciação, porém avançando em alcance teórico, Custódio-Filho (2011) assinala uma tendência recente, não discutida por Koch (2003), Marcuschi (2011) e outros linguistas, que defende uma concepção ampla de texto – para além do texto verbal – e que, portanto, pensa modos de referenciação não-verbais, dando destaque a materialidades imagéticas, gestuais, sonoras etc. Ampliando a compreensão de texto, não limitado ao domínio da língua, pesquisadores têm mostrado que é possível e necessário estudar arranjos materiais outros e suas relações, uma vez que a articulação de elementos multissemióticos compõe o texto em um todo coerente e significativo (Bentes, 2007; Oliveira, 2015).

Novamente, sendo a relação linguagem/mundo indireta e mediada, a significação é edificada apenas na interação. Em contínuas retomadas, os sentidos vão sendo construídos, mantidos ou alterados pelo modo como interagimos com eles, com os outros sujeitos e com a cultura na qual estamos imersos. Conforme Costa (2012), qualquer denominação opera uma interpretação sobre a realidade, demarcando um modo específico de fazer sentido, que pode ser reproduzido ou contestado nas trocas simbólicas, a depender de como o processo é textualizado. Isso significa também que toda denominação se inscreve em um grupo social com certas funções e valores: nomear serve para avaliar, legitimar ou desqualificar algo/alguém.

Denominação, acrescentemos, que não equivale necessariamente a um *encapsulamento anafórico* (Cavalcante, 2003).

Presente ou imaginado, há um interlocutor pressuposto em todo enunciado, cuja idealização depende tanto da situação comunicacional imediata quanto do momento sócio-histórico, de forma que a linguagem comparece como a ligação material da relação entre interlocutores. Para Voloshinov (1973), a linguagem é um evento dialógico, em interações sociais que demandam trocas, as quais engendram formas de fala geradoras de formas linguísticas concretas, o que aponta para a formatação do universo extralinguístico em processos sociocognitivos pela linguagem.

Assumimos o postulado da dialogicidade da linguagem, defendido pelos estudos do Círculo de Bakhtin, de acordo com o qual toda comunicação é uma réplica a dizeres anteriores e um elo para dizeres futuros entre sujeitos em interação, “discussão ideológica em grande escala” (Voloshinov, 2018, p. 219). Longe de significar consenso, as relações dialógicas são marcadas por disputas de sentido e envolvem “uma dimensão axiológica”, pois “nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores” (Faraco, 2009, p. 49).

Como explica Faraco (2009, p. 50, grifos do autor), acerca da complexa relação palavra/coisa, dentro da conceptualização do círculo de Bakhtin, “os signos não apenas *refletem* o mundo (não são apenas um decalque do mundo); os signos também (e principalmente) *refratam* o mundo”. Ou seja, nosso acesso à realidade é mediado pela linguagem, a qual opera também uma significação (transmutação em signos) sobre o mundo. Sobre a refração, é importante lembrar que os enunciados circulantes em determinado grupo social são elaborados com base nos horizontes ideológicos desse grupo, ainda que contraditórios. Ou seja, esses processos de refração não são consensuais, visto que “a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as

contradições das experiências históricas dos grupos humanos” (Faraco, 2009, p. 51).

Todo enunciado, afirma Voloshinov (2018), opera uma (re)orientação avaliativa do sentido, de modo que ele nunca é tão somente referencial; é também avaliativo, pois o referencial está calcado em uma percepção valorativa. Quando ocorre uma mudança de sentido – adiantamos, aqui, a recategorização para *essa doença maldita* – existe necessariamente uma reavaliação do sentido e a instauração de um processo de significação conflituoso. Nas palavras do autor, “um sentido novo se revela em um antigo e por meio dele, mas com o objetivo de entrar em oposição e o reconstruir” (VOLOSHINOV, 2018, p. 238).

2 HETEROGENEIDADE E REFERENCIAÇÃO

Antes de prosseguir com a explicitação do *corpus* e a subsequente análise, acrescentamos que a possibilidade de ressignificação de um enunciado está atrelada à sua instabilidade e não-unicidade, constantemente afetado pela presença do(s) outro(s). Conseqüentemente, a construção dos sentidos é marcada por *heterogeneidade*, explica Authier (2016), que a divide em *constitutiva* (relação fundamental de todo dizer com o Outro, com o já-dito, com a cultura) e *mostrada* (negociação com outros textos, por meio de aspeamento, discurso relatado etc.). O que propomos no presente texto é pensar os processos de referenciação também como parte da construção heterogênea do texto. Entre as formas de heterogeneidade mostrada, daremos enfoque aos funcionamentos que ganham destaque no material analisado: a intertextualidade explícita (discurso relatado e aspeamento) e implícita (sob a forma da alusão e dos dêiticos de memória).

Em sentido amplo, a intertextualidade é entendida como um princípio de processamento textual, na produção e na recepção do texto, que estabelece a

relação de um texto a outro em determinado universo cultural. Em acepção restrita, a intertextualidade tem a ver com a retomada de textos existentes previamente e retomados na produção textual, podendo ser explícita (fonte citada) ou implícita (sem fonte expressa). Nas palavras de Koch (1997, p. 73),

na intertextualidade, a alteridade é necessariamente atestada pela presença de um intertexto: ou a fonte é explicitamente mencionado no texto que o incorpora ou o seu produtor está presente, em situações de comunicação oral; ou, ainda, trata-se de textos anteriormente produzidos, provérbios, frases feitas, expressões estereotipadas ou formuladas, de autoria anônima, mas que fazem parte de um repertório partilhado por uma comunidade de fala.

Sobre a alusão, Koch (1997) escreve que a intertextualidade é aí mais sutil, havendo apenas menção a um outro texto ou a um fragmento dele, estando sua fonte implícita. É um meio de um modo indireto de intertexto, o qual indica que o interlocutor deve recuperar pela memória o referente intertextual implícito, reconhecível para quem possui conhecimento do texto-fonte. Em outros termos, “[n]a alusão, não se convocam literalmente as palavras nem as entidades de um texto, porque se cogita que o co-enunciador possa compreender nas entrelinhas o que o enunciador deseja sugerir-lhe sem expressar diretamente” (Koch, 1997, p. 127).

Diferenciando-se da menção indireta propiciada pela alusão, o discurso relatado caracteriza-se por ser uma forma de intertextualidade explícita, em que uma voz anterior é resgatada e orquestrada na composição do texto, podendo assumir as formas do discurso direto, indireto e indireto-livre. Para os propósitos deste artigo, salientamos apenas o discurso direto, o qual realiza “uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior”, em que “predomina a repetição, a imitação” do texto relatado (Benites, 2002, p. 59).

Um dos recursos gráficos de delimitação do dizer do outro é o aspeamento, que pode assumir várias funções no texto, inclusive funções

sobrepostas, sendo a principal delas a de fazer *menção* (marcação metalinguística) e *uso* (emprego) de uma palavra, simultaneamente (Authier, 2016). Na explanação de Authier (2016), outras especificidades de seu funcionamento são: 1) *aspas de condescendência* (concessivas; “por sua causa, digo x”); 2) *aspas de proteção* (aproximativas; “digo x, mas não me entenda mal”); 3) *aspas de ênfase* (afirmativas; “faço questão de dizer x”); 4) *aspas de responsabilização* (atributivas; “não sou eu, mas o outro que diz x”), entre outras. As aspas consistem em uma atitude metalinguística, por meio da qual as palavras aspeadas são “assinaladas como ‘deslocadas’, ‘fora de seu lugar’, pertencentes e apropriadas a outro discurso” (Authier, 2016, p. 205). Partimos também de Benites (2002, p. 108), que afirma: “o emprego de uma citação não é jamais neutro, mas revela a atitude do locutor citante diante das palavras citadas e do locutor citado”.

Um passo dado por Fernandes (2008) nos estudos da referenciação e da heterogeneidade é a defesa de que os processos referenciais podem funcionar como marcadores de heterogeneidade mostrada. Para a autora, é possível incluir os “processos referenciais de natureza anafórica e/ou dêitica entre os casos marcados da modalidade mostrada de heterogeneidade” (Fernandes, 2008, p. 12), para além dos limites de marcações salientes já clássicas (como aspas, itálicos), de maneira a abranger diferentes graus de marcação, postulando os processos de referenciação como mostradores de heterogeneidade no discurso.

Ao conceder destaque às remissões anafóricas/dêiticas a conhecimentos partilhados (o que vai ao encontro dos casos que analisaremos a seguir), Fernandes (2008) define tais expressões como *dêiticos de memória*, por meio dos quais o interlocutor é capaz de buscar na memória (individual e social) os elementos para a (re)ativação referencial. Por meio da convocação de referentes cuja evidência é entendida como dada, o uso do demonstrativo em dêiticos de

memória constitui uma “estratégia de marcação tão eficaz quanto o aspeamento” na inscrição do outro no fio discursivo (Fernandes, 2008, p. 84). Em certa medida, ressoa em Koch (2003, p. 81), ao dizer que a interpretação de uma expressão anafórica não se restringe à identificação de um antecedente, pois implica o estabelecimento de “uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória”.

A seguir, objetivamos mostrar como o processo de referenciação, ligado ao de denominação, é um elemento de significação heterogêneo nos *posts* fúnebres, dependente do(s) outro(s): co-texto, contexto e intertextualidade. Negociando com outros dizeres, a referenciação abre para a possibilidade de o texto ser (res)significado.

3 DO RECORTE E SEUS HORIZONTES

Para desenvolvermos a análise, selecionamos oito postagens do grupo “Profiles de Gente Morta (PGM), no *Facebook*, tendo em vista que todas elas retomam a expressão nominal *essa doença maldita* ou outra realização vizinha: *a maldita doença* e *essa maldita doença*. Os termos “post” e “postagem” serão usados como sinônimos para designar o mesmo gênero discursivo de circulação no *Facebook*. Pautados em Gregol, Souza e Costa-Hubes (2020), consideramos que os *posts* são parte constitutiva da interação nessa mídia social e, enquanto gênero, possuem, em sua estrutura composicional, formas híbridas (verbal, visual e sonora) e permitem a justaposição e imbricação de enunciados de outros gêneros. No caso específico da PGM, em vista do tópico de interesse – registrar os óbitos de usuários do *Facebook*, indicando nome, causa da morte, *link* do perfil e (não obrigatoriamente) comentários adicionais sobre a morte em pauta –, pelo menos três gêneros são retomados para a criação da postagem: *o obituário*, por meio do qual se anuncia a morte de alguém, *o fórum on-line*, em

que uma comunidade de usuários discute tópicos de seu interesse, e o *link de perfil*, como hipertexto que dá acesso ao perfil do falecido.

Para realizar o recorte configurador do *corpus* e a subsequente análise, tivemos em conta a explicação de Bakhtin e Voloshinov (1926), recuperada por Gregol, Souza e Costa-Hubes (2020), que defendem que a dimensão social de um enunciado compreende três fatores articulados: (1) “o horizonte espacial comum dos interlocutores”, (2) “o conhecimento e a compreensão comum da situação” e (3) “sua avaliação comum dessa situação”. Seguindo a indicação dos autores russos, Gregol, Souza e Costa-Hubes (2020) sugerem três horizontes para o tratamento metodológico de um gênero discursivo: (i) o horizonte espaço-temporal, (ii) o horizonte temático e (iii) o horizonte axiológico.

Aplicando essas definições para o caso da PGM e para o que estamos chamando de postagens fúnebres, como especificidade desse grupo, observamos que o horizonte espaço-temporal compreende, em nível macro, o fenômeno da internet e das mídias digitais. Transformando as formas de comunicação e tornando a interação virtual um evento de larga escala, as plataformas de interação digital, como os grupos de discussão do *Facebook*, oferecem condições para que usuários se reúnam em torno de um interesse em comum e comentem a seu respeito.

Em nível micro, no que tange o material a ser analisado, as postagens selecionadas foram realizadas entre os dias 2 de fevereiro de 2020 e 5 de setembro de 2021, por usuários localizados em várias regiões do território brasileiro, aproximados virtualmente pela interação na PGM. Essa escolha de material foi motivada pelo fato de marcar um momento anterior e um posterior à disseminação de Covid-19 no Brasil, período que engloba um marco na história, sendo a contaminação declarada como pandemia em 11 de março de 2020, pela OMS (Oliveira, 2020).

O horizonte temático das postagens é a morte de usuários, compartilhada com o grupo para fins de registro, além de oferecer espaço para discussões, por meio dos comentários. Como esclarecem as regras de uso do grupo, a PGM “tem a finalidade de servir como obituário online, com fim de informação e divulgação das mortes, bem como suas causas”. No presente trabalho, dentro do assunto morte, a delimitação temática incidiu sobre duas doenças, o câncer e a Covid-19, descritas pela expressão que analisaremos – *essa doença maldita*.

Discussões dos membros ocorrem na caixa de comentários, cuja particularidade é fazer do texto de partida (postagem do óbito) um objeto de comentários, expandindo-o. Consoante Gregol, Souza e Costa-Hubes (2020), a seção de comentários configura-se como um espaço para práticas comunicacionais e oportuniza a inserção dos usuários na construção heterogênea da postagem. Como não possuem forma fixa, os comentários são moldados pelos internautas conforme seus propósitos; por isso, diante de uma mesma publicação, usuários diferentes podem comentar diferentemente, acentuando certos aspectos temáticos, manifestando sua opinião e, inclusive, deslocando o eixo temático em vista de suas avaliações. Por serem parte integrante do funcionamento das mídias digitais, os comentários serão analisados como constitutivos do gênero *post*.

Por fim, acerca do horizonte axiológico, isto é, da atitude avaliativa dos interlocutores da PGM, trata-se de um espaço para discutir a morte e, a partir dela, a vida de usuários do *Facebook*, tendendo para a manifestação de condolências. Contudo, é também comum encontrar comentários que especulam sobre as causas e as circunstâncias dos falecimentos, assim como expressões de opinião política, religiosa e moral. No *corpus* desta pesquisa, essa valoração ganha especificidades ao considerarmos o horizonte espaço-temporal estrito dos *posts*, marcado em *essa doença maldita*, que é o foco do estudo.

Como a montagem do *corpus* resultou em um volume considerável de material, optamos por organizar a visualização das expressões nominais sob estudo em um quadro resumidor. Os *posts* estão apresentados em ordem cronológica e as formas como as doenças são descritas em cada *post* também foram evidenciadas. Trechos dos *posts* serão retomados ao longo da análise e serão sinalizados com aspas e, em alguns casos, com *screenshots*.

Quadro 1 – Quadro resumidor do *corpus*

Sequência de <i>posts</i>	Data de publicação	Expressão nominal	Doença designada	Descrição da doença como “maldita” no interior de cada <i>post</i>
1	02/02/2020	<i>a ‘maldita doença’</i>	Câncer	Doença que mata pessoas jovens e alegres
2	28/04/2020	<i>Essa doença maldita</i>	Covid-19	Doença que mata devido ao descaso
3	28/11/2020	<i>essa doença maldita</i>	Covid-19	Doença que mata pessoas guerreiras, alegres e queridas
4	31/05/2021	<i>essa maldita doença</i>	Covid-19	Doença que mata pessoas talentosas e queridas
5	05/07/2021	<i>essa maldita doença</i>	Covid-19	Doença que mata pessoas jovens
6	18/07/2021	<i>essa maldita doença</i>	Covid-19	Doença que mata pessoas alegres
7	02/08/2021	<i>essa doença maldita</i>	Câncer	Doença que mata pessoas guerreiras e alegres
8	05/09/2021	<i>essa doença maldita</i>	Covid-19	Doença que mata pessoas jovens e queridas

Fonte: Elaborado dos autores.

4 A (RE)CONSTRUÇÃO HETEROGÊNEA DE *ESSA DOENÇA MALDITA*

Em vista do que discutimos até aqui, reiteramos que o processo de denominação é parte da construção discursiva do referente, dos objetos-de-discurso (Koch, 2003), sujeitos à passagem do tempo e a mudanças sociais, o que não é indiferente na avaliação dos sentidos.

De início, destaquemos as marcações temporais das postagens. Elas permitem localizar o contexto de sua produção, o qual, como adiantamos, está inscrito em meio à pandemia mundial de Covid-19. Os *posts* do recorte vão de fevereiro de 2020 (antes da disseminação da doença pelo Brasil; antes mesmo de sua classificação como pandemia) até setembro de 2021. O primeiro exemplar, pré-pandemia, traz a expressão “maldita doença”, já aspeada. Os demais contêm o pronome demonstrativo “essa”; quatro com o adjetivo “maldita” posposto ao substantivo “doença” e três com “maldita” anteposto.

Antes de março de 2020, o câncer era denominado *a* doença maldita. No recorte do *corpus*, ocorreu de o artigo definido iniciar o sintagma pré-pandemia, mas isso não significa que *essa doença maldita* já não circulasse. Na PGM, espaço específico de nosso estudo, notamos que, antes de 2020, usuários se referiam quase que automaticamente ao câncer como *essa doença maldita*, embora alguns membros designassem, por vezes, outras doenças com a mesma expressão (pneumonia, depressão, aids, parada cardíaca, entre outras). Ainda assim, o câncer prevalecia, e nosso *corpus* sinaliza isso mostrando o câncer antecedendo a Covid-19 como doença designada.

É significativo considerar que não é incomum, em situações do dia a dia, ouvir dizer que alguém morreu “*daquela* doença” ou “*da* doença *lá*”, fazendo referência ao câncer e salientando seu aspecto inominável, de tabu. Mesmo sem a adjetivação, o câncer pode ser ativado indiretamente, sem ancoragem necessária no texto, sendo tarefa do interlocutor inferir e recuperar na memória do que se trata. Isso reforça nossa argumentação de que o demonstrativo *essa*, mais do que uma função anafórica – referindo-se à doença mencionada na abertura de cada *post* como causa da morte –, tem caráter dêitico. Ou seja, indica as condições enunciativas: *essa* doença maldita e não outras; *essa* que circula agora; *essa* que todos sabem. Uma vez que o momento atual foi invadido pela Covid-19, a circunscrição temporal do demonstrativo é evidenciada. Atualiza-se

o fenômeno de refração do mundo pela linguagem (Voloshinov, 2018), na forma da construção de objetos-de-discurso, aqui as doenças malditas.

Ganha destaque o funcionamento do *dêitico de memória*, tal como o entende Fernandes (2008). Já afirmamos que tais dêiticos pressupõem que o interlocutor consiga recuperar na memória (individual e social) os elementos necessários para a (re)ativação referencial. Podemos avançar, ainda seguindo Fernandes (2008), e dizer que a remissão a um conhecimento partilhado (de que a doença em questão é, consensualmente, *maldita*; e de que se sabe qual é essa doença maldita) recategoriza o objeto-de-discurso introduzido na causa da morte; ao reativar a doença por vias de uma nova designação, o que se produz no texto é o enfoque sobre uma propriedade diferente, nova naquele texto, mas suportada pelo contexto sociocultural, em que se inscrevem ambas as doenças, e pelo co-texto da PGM, isto é, os demais textos que já circulam nesse grupo a respeito de doenças tidas como “malditas”.

A referenciação – aliada à recategorização – é entendida em função das propriedades sociocognitivas que permitem redesignação, marca da heterogeneidade textual junto à heterogeneidade semântica (Fernandes, 2008, p. 76), visto que não só o sentido é heterogêneo, mas também as vozes que sustentam o dizer. O dêitico memorial e a recategorização referencial são modos observáveis de heterogeneidade, que se marca na materialidade linguística por meio do demonstrativo.

De acordo com Marcuschi (2001), os pronomes demonstrativos podem ser dêiticos (referência exofórica) e anafóricos (referência endofórica) na progressão textual. No caso trazido para a análise, observamos que dêixis e anáfora não se excluem mutuamente, principalmente se reafirmarmos que os domínios intra e extralinguísticos, mesmo que distintos, estão estreitamente ligados. Textualmente, *essa doença maldita* remete anaforicamente à doença designada como causa da morte na abertura de cada postagem, seja câncer ou

Covid-19. Para além do limite da unidade textual de um *post*, considerando o contexto de publicações do grupo no geral e o saber linguístico partilhado pelos membros, a expressão referencial funciona como dêitico de memória no interior das produções da PGM, que mantém relação com a circulação de expressões no contexto social mais amplo. Em sintonia com a classificação de Cavalcante (2003) para dêiticos memoriais, *essa doença maldita* vincula os co-enunciadores habituados à prática textual do grupo e incentiva-os a resgatar em sua memória a(s) *doença(s)* que “todos sabem” que podem descrever como *maldita*, sendo o demonstrativo *essa* o gatilho linguístico da inferência contextual.

A construção referencial, a uma só vez anafórica e dêitica, é materializada em conjunto a outros recursos textuais, como a alusão ao discurso religioso pela caracterização das doenças (“malditas”) e o emprego do discurso citado como produtor de intimidade e de exaltação dos falecidos, como explicamos na sequência. Juntos, tais elementos compõem a construção heterogênea dos sentidos nos textos, incluindo a dimensão de avaliação dos falantes em processos de ordem sociocognitiva.

A avaliação das doenças e das mortes decorrentes é também observável por meio de um recurso técnico próprio ao *Facebook*: as reações. Por meio delas é possível sintetizar uma forma de valoração do conteúdo postado. Visualmente inspiradas em emojis – ideogramas recorrentes em interações *on-line* –, as reações são pré-fornecidas pela mídia social, acessável por cliques. Na plataforma em questão, as reações oferecidas são: *gostei*, *amei*, *haha*, *wow*, *triste*, *bravo* e, mais recentemente, devido à Covid-19, *força* 🤞. No *corpus* de análise, mas também verificável na PGM como um todo, a reação que predomina é a carinha triste 😞, seguido de *gostei* e *força*, como pode ser notado na figura 2. Outros usos de emojis no corpo da postagem, seja no texto de partida, seja nos comentários, também reforçam essa avaliação: carinhas tristes e chorando, corações despedaçados, flores despetaladas etc. Se levarmos em conta,

inspirados em Gregol, Souza e Costa-Hubes (2020), que o horizonte temático das publicações nesse grupo (a morte de usuários do *Facebook*) influencia o horizonte axiológico (avaliação negativa, pesarosa), então podemos afirmar que o fato de os *posts* registrarem óbitos faz com que a reação triste prevaleça, porque em nossa cultura a morte é lida como evento infeliz, negativo.

Fig. 1 – Comentários referentes à sequência 8



Fonte: *Facebook*, 2021.

Para além da adjetivação e seu papel avaliativo e de ancoragem referencial, o termo “maldita” surge também como marcador de alusão. Em seção anterior, baseados em Koch (1997), defendemos que a alusão é uma forma de intertextualidade implícita, sem citação da fonte. Acrescentamos a contribuição de Fernandes (2008, p. 100), ao argumentar que a alusão se manifesta “por meios indiretos, sem se referir explicitamente ao que pretende enfatizar, mas fornecendo os elementos textuais de apoio, de sugestão àquilo que se está referindo”. Entendemos o adjetivo “maldita” em associação a outras expressões ao longo das postagens como “elementos textuais de apoio” para a alusão, sustentados no discurso cristão vigente, que em certa medida está baseado no texto bíblico, particularmente no que diz respeito a “pestes” e “maldições”, contrapondo o castigo e a benção divinos.

Alusões são feitas a esse discurso mais amplo e a esse texto em específico nas postagens em formas cristalizadas de dizer acerca de enfermidades e da morte. Nesse caso, a repetição de expressões de condolência consolidadas

(“descanse em paz”, “Que Deus conforte o teu coração”, “Deus a receba no céu”, “o espírito é eterno”, “o que realmente nunca doi e a palavra de Deus”), nas quais fica marcada a crença religiosa e os discursos que lhe dão forma, faz com que circulem como “provérbios, frases feitas, expressões estereotipadas ou formuladas, de autoria anônima, mas que fazem parte de um repertório partilhado por uma comunidade de fala” (Koch, 1997, p. 73). Automatizadas no cotidiano, essas retomadas alusivas são e não são marcas de uma crença religiosa, na medida em que passam a compor uma “etiqueta” fúnebre da qual os falantes de um determinado grupo têm acesso pela via da memória compartilhada socialmente.

Ainda nessa direção, expressões como “desgraça desse vírus”, “os tempos estão muito triste”, “que tempos difíceis estamos atravessando” mobilizam dizeres bíblicos sobre maldições e desgraças, em um tom apocalíptico. Sem pretender colocar um texto de referência fixa, posto que a alusão não se dá por menção literal, mas apenas para contextualizar, recuperamos algumas passagens bíblicas:

Prestem atenção! Hoje estou pondo diante de vocês *a bênção e a maldição*. Vocês *terão bênção se obedecerem aos mandamentos do Senhor*, o seu Deus, que hoje estou dando a vocês; mas *terão maldição se desobedecerem* aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, e se afastarem do caminho que hoje ordeno a vocês, para seguir deuses desconhecidos. (Deuteronômio, 11:26-28, grifos nossos).

Se eu fechar o céu para que não chova ou mandar os gafanhotos devorarem o país ou sobre o meu povo *enviar uma praga, curarei a terra* se as pessoas se desviarem de seus maus caminhos. (Crônicas 2, 7:13-15, grifos nossos).

E também o discurso cristão sobre a superação das tribulações, a resignação à vontade divina e a recompensa da vida eterna tem seu lugar: “Dep, guerreira”, “Deus a receba no Céu”, “Deus conforte e conceda forças aos

familiares e amigos”, “Deus é contigo”, “tenha fé”, “é difícil entender os planos de Deus, mas já que ele te quis pra perto dele, que ele no dê o consolo”, aludindo a passagens como:

Porquanto não tinham saído ao encontro dos filhos de Israel com pão e água; antes contra eles assalariaram a Balaão para os amaldiçoar; porém o nosso Deus converteu a maldição em bênção. (Neemias, 13:2, grifos nossos).

Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre. Consolem-se uns aos outros com essas palavras. (1 Tessalonicenses, 4:17-18, grifos nossos).

Como é possível notar no texto bíblico, pragas e maldições geralmente têm como contraponto a bênção e a salvação. Nos *posts*, isso também é realçado: o que faz uma *doença maldita* é o fato de matar uma *pessoa bendita*, isto é, uma pessoa de quem se diz bem. Voltando para o quadro resumidor apresentado previamente, percebemos que o modo de falar acerca dos mortos focaliza o que se julga ser suas qualidades: alegres, guerreiros, jovens, talentosos, queridos. Axiologicamente, as alusões bíblicas confrontam ser “maldita” e ser “bendita”, depreciando a doença e exaltando a pessoa falecida (a qual, segundo a crença cristã, viverá eternamente na presença da glória divina), dando suporte linguístico à avaliação que se faz da morte (e suas causas) e do morto. Isso aponta para a construção argumentativa dos textos, mediados pelos processos de denominação (com a designação “doença maldita”) e de referenciação (ancorada na reiteração do dêitico de memória). Tanto o câncer quanto a Covid-19 são retomados no interior das postagens por expressões que recategorizam as doenças em questão, imprimindo nelas a avaliação dos interlocutores.

A contraposição maldita/bendita, com destaque para a exaltação dos falecidos como pessoas benquistas, pode ser lida também em mais uma marcação de heterogeneidade, a saber, o discurso relatado direto.

Na sequência 5, por exemplo, temos um usuário que publica a morte de uma mulher e cita um comentário feito pela mãe dela. Faz essa citação apenas antepondo o nome da mãe ao texto citado, sem nenhuma outra marcação: “Essa maldita doença levou minha filha com a vida toda pela frente [...]” (aspas nossas). De fato, o pronome possessivo “minha” também sinaliza que se trata da fala da mãe. Porém, em termos de marcações canônicas, como aspas, itálico, travessão etc. (Authier, 2016), não encontramos nenhuma.

Em outro *post*, sequência 3, o usuário recupera um relato da irmã da falecida, sinalizado de duas formas: indicando a fonte citada (“Relato da irmã”) e inserindo dois pontos e uma linha em branco antes de escrever o trecho citado (“Óh minha irmãzinha, vc lutou o quanto pode, foi forte, foi guerreira, mas infelizmente essa doença maldita foi demais pra ti”). Retomando a voz dos entes queridos, por meio dos recursos de discurso direto, as postagens visibilizam a avaliação das mortes (malditas) de pessoas queridas. Nesse caso, o elemento marcador de heterogeneidade está participando da construção do referente (a morte causada pela doença) e da sua valoração.

Ademais, ao considerarmos a sequência 1, notamos que o câncer é suposto como causa da morte. Essa dedução do usuário (“aparentemente”) baseou-se em duas observações: notou que o cabelo da falecida estava curto (“beeeem curto”), associando-o a procedimentos quimioterápicos; recupera também dizeres de parentes e amigos que citavam “a ‘maldita doença’” (estando a expressão já aspeada). Já indicamos que o uso do artigo definido possui a particularidade de situar o câncer como *a doença maldita* pré-pandemia de Covid-19, sendo o artigo definido um indicativo de estabilidade e univocidade para a designação. Nesse caso, a inferência é feita pelo usuário a partir da denominação (a doença maldita = câncer), mostrando que havia circulações anteriores da designação no contexto sociocultural e a justeza da qualificação da expressão em análise como *dêitico de memória* (Fernandes, 2008).

Com esses três recortes, vemos que a expressão *doença maldita* é mantida a distância (Authier, 2016), explicitando que são palavras de outrem, daqueles que conheciam os finados. Além da responsabilização, própria ao funcionamento do discurso direto, trazer a fala de familiares e amigos reforça que o falecido era benquisto e que sua morte constitui uma perda, uma desgraça, causada por uma *doença maldita*, indo ao encontro do que afirmamos sobre o contraponto maldita/bendita.

Entre refletir e refratar as condições da significação, o intra e o extralinguístico não se opõem; de fato, eles se compõem em processos sócio-históricos de referenciação, denominação e (re)avaliação. As retomadas referenciais por meio do dêitico de memória *essa doença maldita*, associado ao funcionamento heterogeneamente marcado da alusão e do discurso direto, organizam repetições que sinalizam a interação constitutiva entre co-texto (pelas repetições recorrentes no grupo do *Facebook*) e contexto (pelas regularidades de reprodução das relações sociais mais amplas) para a significação das mortes causadas por câncer e Covid-19. É também pelas relações co-textuais/contextuais que, além de denominar e referenciar as “doenças malditas”, processos axiológicos se instalam no âmago das relações dialógicas, de modo a avaliar também os falecidos. Ou seja, avaliam tanto as mortes “malditas” de pessoas “benditas” quanto as mortes “benditas” de pessoas “malditas” (isto é, aquelas interpretadas como desviantes, delinquentes, não-guerreiras, não-alegres etc.).

Outro caso de discurso citado desponta na sequência 1, na seção de comentários (figura 3): o mesmo membro que publicou a morte dá continuidade à sua dedução, ou melhor, confirma sua hipótese ao postar um *printscreen* da irmã da pessoa morta, junto a um comentário contextualizador (“Irmã faz postagem sobre Câncer”). Além de reforçar nosso argumento, partindo inicialmente de Gregol, Souza e Costa-Hubes (2020), de que os

comentários são parte constitutiva da composição do *post*, utilizar um *printscreen* como citação demonstra que os recursos técnicos de produção e circulação de imagens por aparelhos e mídias digitais geram novas formas e novos efeitos de comprovação por citação. Diferentemente do uso de aspas, por exemplo, imprimir uma tela não apenas resgata o que foi dito, mas também as condições do dizer (por quem foi dito, em que espaço, em que momento etc.). As tecnologias digitais tornam patente o funcionamento visual do texto verbal, ao permitirem, por exemplo, que ele seja recortado como imagem e utilizado como tal. Lembrando uma colagem, a citação via *printscreen* apresenta-se como forma imagética do discurso direto, com um valor de prova reforçado (unificando texto citado, fonte citada e contexto de produção).

Fig. 2 – Comentário da sequência 1



Fonte: Facebook, 2021.

Essas considerações levam-nos também a reafirmar o papel constitutivo dos comentários na composição heterogênea do texto postado. Enquanto unidade textual, a postagem no Facebook existe em função de sua recepção por outros usuários, que curtem, comentam e compartilham o texto inicial, avaliando-o e redimensionando-o (Gregol; Souza; Costa-Hubes, 2020). Sem fronteiras fechadas, a textualidade de um *post* no Facebook não é pensada sem os comentários, os *likes* e as demais reações que o constituem. Os comentários e as

reações participam da construção dos sentidos da postagem, a qual só se efetiva como tal na circulação pela rede.

Para finalizar, notemos que aquilo que chamamos de “realizações”, salientando as diferenças de posição do adjetivo e de uso dos determinantes (*essa doença maldita, essa maldita doença, a maldita doença*), foram agrupadas em vista da repetição do adjetivo *maldita*. Embora a simples anteposição não tenha produzido efeitos de sentido proeminentes, um possível efeito, mais característico da própria adjetivação do que de sua posição no sintagma, é o de ênfase e encapsulação (Benites, 2002), o qual, aliado ao uso dos determinantes, estabelece uma qualificação inerente ao substantivo. Em outras palavras, *essa doença (maldita!) que todos conhecem*; essa doença da qual, pela articulação dos dêiticos de memória, todos sabem.

As expressões nominais referenciais desempenham funções significativas na construção heterogênea dos sentidos no texto, principalmente a de (re)ativação da memória. Operando uma recategorização dos referentes, seja o câncer, seja a Covid-19, tais expressões predicam e avaliam uma nova informação, não apenas apontando para os objetos-de-discurso, mas construindo-os. Não se trata de negar a existência da realidade, mas sim de compreender como a linguagem reelabora essa realidade, como o discurso alimenta a memória compartilhada socialmente e como é alimentado por ela, implicando a ação dos interlocutores. Como escreve Oliveira (2015, p. 1259),

é no/pelo discurso que se elabora uma possibilidade de versão do mundo que, longe de ser imparcial, revela que há escolhas específicas envolvidas no modo como o referente é apresentado, ou melhor, dinamicamente (re)elaborado. [...] uma atividade de linguagem sociocognitiva constituída por fatores de ordem cultural, interacional, experiencial.

Uma mesma expressão (embora existam as realizações observadas) é retomada para designar doenças diferentes, atualizando seus sentidos. Com

isso, constata-se a argumentação de Voloshinov (2018), ao diferenciar frase (gramatical) de enunciado (uso da língua), sendo este caracterizado pela singularidade da enunciação. Cada *post*, ao retomar a expressão referencial, produz com ela um enunciado único. Como “as experiências são múltiplas e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos); só podem ser plurívocos (multissêmicos)” (Faraco, 2009, p. 51). O que notamos são regularidades entre enunciações, mostrando a *refração* das condições históricas de determinada comunidade e a linguagem como um fenômeno social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para amarrar as linhas desafiadas neste artigo, destacamos que o percurso foi iniciado com a afirmação dos postulados teóricos que sustentam o estudo, articulando o pressuposto de base segundo o qual todo enunciado opera uma (re)avaliação na rede de sentidos que circula na cultura (Voloshinov, 2018), junto à compreensão de Costa (2012) tomando a denominação como forma de avaliação do mundo, à referenciação como atividade dinâmica na produção e manutenção dos sentidos (Koch, 2003; Custódio-Filho, 2011) e à particularidade das postagens fúnebres no *Facebook* em meio à pandemia de Covid-19.

Compreendendo texto em sentido amplo (Bentes, 2007), levantamos as propriedades textuais do discurso no grupo PGM, cuja proposta é registrar e discutir a morte de usuários do *Facebook*. Nossa contribuição consistiu em apontar para os vínculos entre denominar, referenciar e avaliar, demonstrando que um processo convoca o outro para a construção heterogênea do texto, sem ignorar a especificidade híbrida do gênero discursivo *post* (Gregol; Souza; Costa-Hubes, 2020).

A análise mostrou que os processos de denominação, referenciação e avaliação funcionando nas postagens estão sustentados em um discurso religioso, ao recuperar um confronto entre benção/maldição, estando as doenças

(câncer e Covid-19) significadas como malditas. A denominação que antes descrevia o câncer passa a coocorrer para a referência à Covid-19, o que comprova que os sentidos são disputados e que a dialogicidade não implica consenso; os funcionamentos dos comentários e das reações – abrindo espaço para questionar o primeiro plano da postagem e visibilizando a avaliação do conteúdo compartilhado – apontam para uma valoração a muitas vozes.

Investindo sobre as formas de heterogeneidade mostrada (Authier, 2016), de modo particular as alusões ao texto bíblico, a marcação das aspas e o discurso relatado, este estudo averiguou que a construção das postagens fúnebres do grupo PGM que retomam a expressão *essa doença maldita* ou uma de suas realizações buscaram no contexto social (o período pré ou pós-pandêmico de Covid-19) e no co-texto do próprio grupo (as designações anteriores do câncer como *a* doença maldita) uma forma de denominar, referenciar e avaliar as doenças que vêm causando tantas mortes no Brasil e no mundo: essas doenças malditas. Isso reforça o argumento de Voloshinov (2018) de que todo uso linguístico implica uma avaliação ideológica.

Por meio da definição de Fernandes (2008) para *dêiticos de memória* enquanto marcadores de heterogeneidade nos processos referencias, pudemos argumentar que *essa doença maldita*, funcionando como dêitico de memória, não apenas remete anaforicamente à doença mencionada, como também aponta para a sustentação do dizer numa voz social cuja ativação está ancorada no contexto (da cultura) e no co-texto (das interações na própria PGM). Pela refração (Faraco, 2009), a linguagem não está apenas espelhando o mundo, mas (re)construindo-o nosso acesso/avaliação dele. O que designava o câncer aparece também referido à Covid-19, aproximados pelo uso da mesma expressão referencial, operando a construção de objetos-de-discurso nunca totalmente acabados, passíveis de retomada e recategorização.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER, Jacqueline. Palavras mantidas a distância. In: CONEIN, Bernard *et al.* (org.). *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 201-226.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo. 1976 [1926].
- BENITES, Sonia Aparecida. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. Fortaleza: Arte e Ciência Editora, 2002.
- BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 245-285.
- BENTES, Anna Christina; FERREIRA-SILVA, Beatriz; ACCETTURI, Ana Cecília. Texto, contexto e construção da referência: programas televisivos brasileiros em foco. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 1, p. 175-196, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648474>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- BÍBLIA. *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Trad. José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.
- CAVALCANTE, Mônica. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 44, p. 105-118, 2003.
- COSTA, Greciely. Denominação: um percurso de sentidos entre espaços e sujeitos. *RUA*, v. 18, n. 1, p. 133-147, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638291>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- CUSTÓDIO-FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 329 f. Tese. (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FERNANDES, Julianne Larens. *Heterogeneidade marcada e referenciação*. 2008. 111 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

GREGOL, Fernando Arthur; SOUZA, Tatiana Fasolo; COSTA-HUBES, Terezinha. O gênero multimodal “post em Facebook” e suas configurações no ideário do Círculo de Bakhtin. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 9, n. 16, p. 371-386, 2020. Disponível em: <https://vortex.unespar.edu.br/index.php/revistaeduclings/article/view/6561>. Acesso em: 11 ago. 2022.

KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARCUSCHI, Luiz. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

MONDADA, Lorenza. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *Revista de Letras*, v. 24, n. 1/2, p. 118-130, 2002.

OLIVEIRA, Natalia. Referenciação e multimodalidade: a construção de objeto-de-discurso na articulação entre verbal e não verbal. *Estudos Linguísticos*, v. 44, n. 3, p. 1247-1261, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1054>. Acesso em: 11 ago. 2022.

OLIVEIRA, Pedro. Organização Mundial da Saúde declara pandemia de coronavírus. *Agência Brasil*, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 11 ago. 2022.

VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 11 de julho de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 27 de setembro de 2023.